

**“A FEBRE DO RATO”:
anarquismo na lógica do “umbico miúdo”**

*Caio Neves de Castro*¹

*Rogério de Castro*²

Resumo: O presente texto propõe uma reflexão sobre a compreensão do anarquismo, enquanto parcela do pensamento político e social, a partir do longa metragem “A Febre do Rato”, dirigido pelo cineasta Cláudio Assis. Nele, os autores problematizam a construção da personagem principal, o poeta Zizo, considerando sua representação enquanto militante libertário, bem como suas aproximações e distanciamentos em relação ao chamado “anarquismo histórico”.

Palavras chave: anarquismo; militante libertário; cinema e história; pesquisa.

Abstract: This text proposes a reflection about anarchism as a politic and social thought from the feature-length film “A Febre do Rato”, directed by filmmaker Cláudio Assis. In this text, the authors are going to discuss the main character, the poet Zizo, considering their representation as a libertarian militant as well as his similarities and differences in relation to the so-called historical anarchism.

Keywords: anarchism; libertarian militant; cinema and history; research.

“...posto que é extremamente difícil determinar o que leva os animais a se reunirem, se não a necessidade de proteção mútua ou simplesmente o prazer, o costume de se sentirem rodeados por seus congêneres.”

Piotr Kropotkin

A câmera, em movimentos leves, passeia pelo rio Capibaribe mostrando em preto e branco o caos de uma cidade em crescimento desordenado. A circulação desenfreada de pessoas e veículos, os casebres em ruínas que beiram o mangue, tudo parece distante e decadente. Retrato de uma Recife em putrefação, como sugere a poesia, descrente, escrita e narrada pelo protagonista Zizo. Essas são as primeiras imagens de “A Febre do Rato”, filme que, construído sob a ótica de seu principal

¹ Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Professor de História do Colégio Pedro II. Doutorando em Educação pelo PROPED/UERJ.

personagem, parece rejeitar “um mundo abismo de coisas medonhas”, conforme ele mesmo diria ao incorporar, talvez, as idiossincrasias de Paulo Martins³.

Ao fim da poesia, corta-se para uma nova sequência, onde a visão é ofuscada pelo plástico que cobre o ateliê de Zizo. Em meio aos objetos espalhados, desordem criada pela direção de arte, observa-se na parede um pôster de Mikhail Bakunin. Esse filósofo anarquista, tributário das propostas de Pierre Joseph Proudhon, influencia, aparentemente, o precário jornal que empresta seu nome ao filme.

Seguindo o fluxo narrativo da trama, vemos o personagem colocar uma folha na máquina e produzir alguns exemplares de “Febre do Rato”, onde se mesclam poesia e política. Em seguida, numa elipse temporal, a câmera acompanha uma menina pelos becos da favela, enquanto escutamos o protagonista anunciar seu “jornal contra as classes dominantes”. Saindo desse pequeno labirinto, a menina se depara com o poeta panfletando sua obra, momento em que se corta a cena para um plano em *contra-plongée*⁴ no qual Zizo declama poesias. Ressaltamos que tal posição de câmera, gera uma sensação de grandiosidade e superioridade do personagem em relação aos figurantes que o circundam.

Nessa cena, pela primeira vez, observamos o poeta “sair da casca”⁵. Em plena “ação direta”, discursa aos transeuntes sobre assuntos que,

³ Célebre personagem de “Terra em Transe”.

⁴ Posição de câmera em que se filma o objeto de baixo para cima.

⁵ “Chega um momento em que se tem que sair da casca e fazer frente às forças do Estado nos bairros onde vivemos, no trabalho, nas ruas e se o Estado for vencido, com maior

segundo ele mesmo, escravizam os indivíduos. Mais adiante, em um bar, Zizo convida outros personagens para a celebração da "Páscoa de cabeça para baixo", churrasco em que pretende subverter o significado da festa cristã exaltando os prazeres mundanos do sexo e das substâncias psicoativas. Em plano zenital⁶, essa sequência termina no quintal do poeta, onde o mesmo, como de hábito, recita poesias sobre amor e anarquia enquanto, dentro de uma caixa d'água, faz sexo com alguma de suas amigas idosas.

Cabe registrar que Boca Mole, um dos convidados, vive num casarão abandonado na companhia de uma mulher e dois homens. Dormindo na mesma cama e tomando banho juntos, eles insinuem uma espécie de “amor livre”, alheio à monogamia e ao pudor sexual.

Contudo, considerando a trajetória do movimento libertário⁷, bem como suas diferentes “formas históricas”, destacamos que:

O movimento anarquista tem hoje 100 anos, se supomos que nasce no momento em que os bakuninistas entraram na Associação Internacional dos Trabalhadores; desde então se tem estendido a vários países do mundo, permanecendo como um movimento minoritário e mal conhecido, mas vigoroso. Uma certa força se desprende de sua história, mas também uma certa fraqueza, em particular no domínio da coisa escrita. A literatura anarquista antiga pesa como um lastro sobre o movimento atual e nos é difícil criar uma nova. (WALTER, 2000, p.13)

razão será preciso continuar atuando, para impedir que se estabeleça um novo Estado e para se começar a construir uma sociedade livre". (WALTER, 2000. p.77.)

⁶ Posição em que se filma com a câmera alta, a um ângulo de 90° em relação ao solo.

⁷ Como sinalizou Daniel Guérin, apesar da palavra anarquia remeter à antiguidade, foi Proudhon quem restabeleceu seu sentido etimológico dissociando-a da idéia de caos a qual havia sido amalgamada pelos defensores da autoridade e do Estado. Posteriormente, com a publicação do semanário “*Le Libertaire*” pelo pedagogo Sébastien Faure, o termo libertário que fora usado desde 1858, por Joseph Déjacque, tornou-se gradativamente sinônimo de anarquismo, conduzindo à cunhagem da expressão “socialismo libertário” para designar os defensores da anarquia.

Desse modo, o que pretendemos demonstrar é que a “ação direta” contida na arte de Zizo, ainda que reivindique uma sociedade onde inexista qualquer controle arbitrário, não incorpora os pressupostos do chamado “anarquismo histórico”. Portanto, sua proximidade com os postulados de Bakunin encontra limite nas críticas à Igreja e ao Estado, uma vez que o protagonista, contextualizado em seu tempo e espaço, parece desejar escrever uma nova orientação libertária.

Dedicados à edificação de uma sociedade formada por homens e mulheres autônomos, os libertários, reivindicando para si o legado da Internacional dos Trabalhadores (AIT), compreendem que a liberdade individual deve permanecer em harmonia com as obrigações comuns, fazendo com que a igualdade e a cooperação, no interior de comunidades interligadas a partir de princípios federativos, constituam o cerne da ideologia anarquista. Buscando compreender tais princípios políticos, Michael Schmidt e Lucien van der Walt (2009) estabelecem o anarquismo de massas como a principal estratégia empregada pelos anarquistas ao longo da trajetória dessa linhagem do socialismo.

Desse modo, pleiteando uma atuação, junto aos movimentos sociais, que favoreça a mobilização destes em torno da transformação social, os partidários do anarquismo de massas remeteram o conceito de revolução a um processo que não pode ser decretado por atentados ou insurreições armadas, mas desencadeado pelo amadurecimento da classe através do federalismo, da ação direta e do mutualismo. Nesse sentido, reconhecer esses três conceitos fundamentais para os defensores

da acracia, constitui um ponto central na análise das ideias e práticas daqueles que priorizaram a organização dos explorados como meio de promover a utopia libertária.

Em setembro de 1866, trabalhadores de diferentes países se reuniram em Genebra, divisando a libertação da classe operária a partir do concurso mútuo e da troca de experiências. Esse primeiro congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, deveria impedir que a burguesia assumisse o protagonismo das revoluções futuras, tal como ocorrera em 1830 e 1848.

Dentro deste cenário, Karl Marx convocou em 1870 uma conferência privada na capital inglesa. Na companhia dos exíguos vinte e dois delegados presentes, dentre os quais treze compunham o Conselho Geral, o autor de “O manifesto do Partido Comunista” afirmou o centralismo como orientação hegemônica, abrindo caminho para a adoção, dois anos mais tarde, da organização partidária como estratégia esposada pela AIT durante o Congresso de Haia (ENCKELL, et al, 2004).

Por considerar que a universalização da Internacional deveria reconhecer e respeitar as diferentes realidades políticas, econômicas e sociais de suas seções, caminhando *pari passu* com essas especificidades, os relojoeiros do Vallon reuniram os dissidentes do Congresso de Haia na região do Jura suíço, dando origem ao Congresso de Saint-Imier. Assim, endossando a independência das federações como elemento fundamental para a emancipação dos trabalhadores; assumiram a supressão do poder político em favor da ação direta,

elegendo como estratégia a solidariedade de classe em lugar da organização partidária.

Portanto, o princípio da autonomia entre as seções, presente no Congresso de Saint-Imier, a opção pelo protagonismo da classe face sua própria emancipação, assim como o reconhecimento da solidariedade enquanto meio de interação entre os explorados, demonstram que, desde seus primeiros momentos, o anarquismo de massas adotou o federalismo, a ação direta e o mutualismo como estratégias essenciais para a luta de classes.

Por outro lado, avessos a todo controle econômico e social, esses “organizacionistas” assumiram o papel de “centelhas incendiárias” da revolução, colaborando para a conscientização e a aglutinação dos trabalhadores. Assim, enxergando os movimentos sociais como “materiais comburentes”, elegeram essa esfera como ferramenta capaz de promover os “círculos concêntricos” necessários para a difusão das “ondas” revolucionárias.

Como esclarecem Schimidt e van der Walt (2009), os libertários enfatizam a visão de que apenas os movimentos de massa apresentam condições de produzir a revolução. Geralmente estabelecidos em torno de reivindicações mais imediatas, caberia aos anarquistas radicalizá-los, transformando-os em alavancas para o socialismo.

Nesse sentido, percebemos que a construção da personagem Zizo, tanto se orienta pelas generalizações acerca dos postulados libertários, quanto termina por reforçar os recorrentes anacronismos sobre tal

ideologia, sobretudo quando seu diretor, Cláudio Assis, define as práticas do protagonista como condutas próprias de um militante anarquista.

Ao reconhecer a rejeição ao Capital e ao Estado como elementos suficientes para inseri-lo no campo libertário, o diretor, tal como o personagem, desconsidera que a “ação direta”, por si, não caracteriza a proposta de organização e enfrentamento adotada pela maioria dos anarquistas. Preocupado com a desconstrução da cultura e da sociedade liberal, Zizo não menciona o “mutualismo” e o “federalismo” como instancias indispensáveis para a construção de uma sociedade livre. A opção anti-autoritária de sua militância, ao desconsiderar a importância da organização da classe para o enfrentamento contra a ideologia que a escraviza, talvez permita, na melhor das hipóteses, apontá-lo como “anarco-individualista”.

O anarquista é aquele que nega a autoridade e rejeita seu corolário econômico: a exploração. E isso em todas as áreas de atividade humana. O anarquista deseja viver sem deuses nem mestres; sem patrões nem diretores; sem leis e preconceitos; sem obrigações e moralidades coletivas. Ele deseja viver em liberdade, viver sua concepção pessoal de vida. Em seu interior, ele é um refratário, um excluído, alguém que está à margem, à parte, um não adaptado. É por obrigação que vive em companhia daqueles cujos hábitos repugnam seu temperamento, é como um estranho no ninho. Ele só se submete àquelas condições indispensáveis – e sempre com pesar – para não arriscar ou sacrificar tola e desnecessariamente sua vida, uma vez que as considera como armas de defesa pessoal na luta pela existência. O anarquista deseja viver sua vida, o tanto quanto possível, moral, intelectual e economicamente independente do resto do mundo, sem preocupação com explorados e exploradores; sem a intenção de dominar ou explorar os outros, mas pronto a reagir por quaisquer meios àqueles que vivem a intervir em sua vida ou a proibi-lo de expressar sua opinião através da pena ou da fala. (ARMAND, s.d.)

Segundo o “Pequeno manual do anarco-individualista”, o anarquista é um inimigo do Estado e de todas as instituições que alienem os indivíduos. Contudo, ao contrário dos “organizacionistas”, envolvidos com o “anarquismo de massas”, os “individualistas” enfatizam o ato isolado em detrimento da ação coletiva, sem determinar qualquer padrão moral de comportamento. Assim, como mestres de suas aspirações, pretendem apreciar a vida à sua maneira, sem se deixar conduzir por paixões ou impulsos que o subordinem.

Em outras palavras, o que observamos é que Zizo, ainda que se apresente como anarquista, apenas dialoga com algumas nuances do pensamento libertário, incorporando, a sua maneira, os postulados de tal parcela do pensamento político e social. Portanto, a margem do acúmulo conseguido pela classe trabalhadora ao longo de seu esforço de organização, entende a acracia como “estilo de vida”⁸, ignorando a trajetória do anarquismo e suas diferentes “formas históricas”. Para empregarmos um trocadilho, termina por “anarquizar” o que historicamente se entende como anarquismo.

⁸ “O anarquista individualista não é jamais um escravo de uma fórmula ou receita. Ele não aceita opiniões. Propõe apenas teses. Se adotar em algum momento certo estilo de vida, é para que se lhe assegure maior liberdade, maior felicidade, maior bem estar, não tendo em vista seu próprio sacrifício. Ele altera e transforma seu modo de vida quando percebe que, se continuasse a adotar aquele curso de ações, perderia parte de sua autonomia. Ele não quer se deixar dominar por princípios estabelecidos a priori; é nas experiências, no a posteriori, que se baseia sua conduta, que nunca é definitiva, mas está sempre sujeita a mudanças e transformações, de acordo com as novas experiências e com a necessidade de novas armas para combater o seu meio. Sem que nada seja um a priori absoluto. O anarquista individualista responde apenas por seus atos”. ARMAND, Émile. *O pequeno manual do anarquismo individualista*. S.d. Disponível em <http://libertyzine.blogspot.com.br/2007/07/o-pequeno-manual-do-anarquismo.html>

Retomando a narrativa de “A Febre do Rato”, a trama nos apresenta Pazinho, coveiro que vive uma crise amorosa com a travesti Vanessa. Mesmo que este afirme nada entender a respeito de sua arte, Zizo reconhece em Pazinho um termômetro para as poesias que recita. Em uma das cenas, mais uma vez ambientada em um bar, esses dois personagens conversam defronte o cemitério, comentando o poeta, com tristeza, como as pessoas perderam a vontade de lutar e transformar o mundo. Ao encerrar a sequência, Zizo quebra com o realismo da ação, apontando para a câmera e encarando o espectador. Nesse momento, quando a trama ganha um ponto de “suspensão”, ele afirma, veemente, que nos dias de hoje impera a lógica do “umbigo miúdo”.

Curiosamente, conforme pretendemos demonstrar, a “lógica do umbigo miúdo” enquanto crítica do personagem ao “individualismo burguês”, aproxima-se da conduta anarco-individualista. Afinal, ao afirmar sozinho o caráter revolucionário da arte, sem preocupar-se em organizar aqueles que também se sentem vilipendiados, o personagem toma distância do princípio bakuninista segundo o qual a liberdade do outro eleva a nossa própria ao infinito⁹.

Como demonstra Kropotkin (1989), enquanto a ajuda mútua representa para os grupos animais uma ferramenta fundamental à sobrevivência das espécies, constitui nas sociedades humanas um

⁹ “A liberdade de cada um só se realiza, pois, com a igualdade de todos. A realização da liberdade na igualdade direito e de fato é a justiça. Existe apenas um dogma, uma única lei, uma única base moral para os homens, é a liberdade. Respeitar a liberdade do próximo é um dever; amá-lo, ajudá-lo, servi-lo é uma virtude”. (BAKUNIN, 2002, p.74.)

elemento central na conquista de uma humanidade pautada pelo princípio ético de erradicar as diferenças sociais. Portanto, o proselitismo ficcional de “Febre do Rato” difere radicalmente dos objetivos que nortearam a imprensa operária durante as primeiras décadas do século passado. Como decorrência de um projeto coletivo de luta, tal iniciativa teve origem nos agrupamentos especificamente anarquistas ou nas associações sindicais, constituindo sintoma, e não causa, do desejo de transformar a sociedade. Nesse sentido, reconhecemos a agitação social como limite da “ação direta” empreendida por Zizo.

Finalmente, durante a “Páscoa de cabeça para baixo” os personagens, completamente embriagados, dançam, fumam, comem carne e fazem piada sobre o céu e o inferno. Subitamente, Zizo interrompe a festa, pedindo atenção para sua poesia. Como avalia Migliorin:

O plano é longo, o poeta está em cima de uma mesa e, mais uma vez, interrompe os festejos para centralizar as atenções e ser ouvido pelo grupo. Durante o poema, como sempre de qualidade duvidosa, ele se aproxima da câmera, ganhando do filme a mesma atenção que os amigos lhe prestam. Entretanto, algo perturba a centralidade e importância do poeta. Preso em seu lábio, um resto de comida, como um gomo de laranja talvez.

O resto, ali, não é uma metáfora, mas apenas mais uma das formas de A Febre do Rato interromper qualquer idealização ou pureza do artista/revolucionário. O resto na boca é como um rasgo naquela imagem, um rasgo nesse personagem tão caro ao cinema político. (MIGLIORIN, 2012, Cinética)

Entretanto, durante tal “celebração” a narrativa adquire um novo fluxo. Enquanto todos assistem a exibição do filme “Maconha”, autobiografia de Zizo, o poeta conhece Eneida, por quem se apaixona perdidamente. Terminada a “Páscoa de cabeça para baixo”, o

protagonista abandona as relações íntimas “livres”, “aprisionando-se” a uma espécie de amor idealizado, ludicamente retratado com o esvaziamento da caixa d'água. A partir de agora, não há mais espaço para suas amigas idosas.

As sequências que seguem ilustram esse amor romantizado. O casal conversa amenidades às margens do Capibaribe e se diverte com amigos na praia, de tal modo que a relação se realiza, plenamente, apenas no campo das ideias ou no ato da masturbação, afluída pelas fotografias da menina e a poesia do protagonista. Em nenhum momento da trama, o poeta considera que o “amor livre”, tão propalado pelos anarquistas, longe de significar o desregramento sexual, consiste, na verdade, na livre escolha entre parceiros. Assim, se considerarmos as perspectivas de Émile Armand, Zizo acaba “refêem” de uma paixão¹⁰, denegando sua “verve” anarco-individualista.

De volta ao Capibaribe, o poeta procura reforçar o caráter transgressor de sua arte, colando adesivos debaixo do viaduto e rabiscando o rato, símbolo de sua publicação, nas paredes da cidade. Com ares de desespero, desobedece¹¹ os padrões estabelecidos, gritando

¹⁰ “O anarquista individualista quer viver, quer poder apreciar a vida individualmente, encarar a vida em todas as suas manifestações. (...). Ela sabe muito bem que quem se deixa levar pelas paixões ou dominar pelos impulsos é um escravo. Ele quer conservar o “controle de si” para se lançar às aventuras das pesquisas independentes e do livre exame”. (ARMAND, op.cit.)

¹¹ “A desobediência civil é um tipo particular de propaganda por ação que implica a infração deliberada ou aberta das leis, para chamar a atenção. Muitos anarquistas não gostam porque é uma provocação deliberada à repressão, o que é contrário ao princípio anarquista de evitar todo contato voluntário com as autoridades; mas em certos momentos os anarquistas têm encontrado na desobediência civil uma forma útil de propaganda”. (WALTER, op. cit., p.84.)

e falando sobre o cheiro do mangue, o som do tamanco das lavadeiras e o gosto das prostitutas.

Tal desejo de subverter a ordem tem seu ápice durante as comemorações da independência do Brasil. Nessa oportunidade, quando a trama alcança seu epílogo, Zizo reúne os amigos para sair em passeata contra o autoritarismo do governo. Estes, intuindo as aspirações do poeta, acompanham a comitiva sem conseguir, aparentemente, compreender a integralidade da proposta. Portanto, Zizo encontra, mais uma vez, seu limite na agitação, passando ao largo da orientação libertária que visa organizar as diferentes categorias de excluídos para a luta social.

Preocupado em “dar uma bicuda nas leis” e uma “lapada na ordem”, o poeta se insurge contra os militares, que, na cena, representam a autoridade coercitiva do Estado. Em torno do seu carro, adornado com bandeiras brasileiras que trazem nádegas em lugar da esfera estrelada, o grupo reivindica e recruta os transeuntes, defendendo que além de teto e comida, necessitamos de anarquia e sexo.

Em meio ao caos, ele clama por liberdade em cima do automóvel. Numa justaposição de imagens, Zizo discursa sobreposto aos pés de uma marcha militar. Nesse momento, o personagem afirma: "somos anarquistas sim!" Nova elipse temporal e, num plano que começa em *contra-plongée*, Zizo discursa às margens do Capibaribe, enquanto a câmera se movimenta para mostrar a atenção que lhe devotam os

aderentes à marcha. Entre estes, alguém segura uma placa com os dizeres "anarquia não pode ser dogma", mais uma justificativa, talvez inconsistente, do significado dado ao conceito de "anarquia".

Dando sequência à cena, Eneida, acompanhada por Pazinho e Vanessa, aproxima-se da pequena aglomeração. O poeta pede à "musa da independência" que se junte a ele no teto do automóvel. Emocionado, declama para sua amada, fazendo com que todos comecem a se despir. Ao fim do poema, o beijo entre o casal não chega a acontecer. Com o início da ação policial, os manifestantes se dispersam, ao passo que Zizo, preso pelos guardas, termina atirado de algemas no Capibaribe. A câmera, meio submersa na água suja, mostra os ratos nadando perto da lente ao som de uma melodia tensa. Em seguida, o filme se fragmenta. Entre planos de espaços vazios e personagens sozinhos, Eneida e Pazinho conversam no cemitério, especulando, descrentes, sobre a volta do poeta.

A sequência final mostra os amigos de Zizo reunidos com sua mãe, Dona Marieta, em torno da caixa d'água. Enquanto confraternizam, comentam sobre Pazinho e seu desejo de herdar a máquina de escrever do poeta. Justamente o coveiro, que afirmava nada entender de poesia, manifesta interesse em dar continuidade à obra de Zizo. Todos riem e, num clima amistoso, temperado pela união dos personagens em torno do protagonista, a trama é bruscamente interrompida pelos créditos finais.

Com tal análise, pretendemos buscar uma reflexão acerca do anarquismo e suas nuances. cremos que, com isso, terminamos com mais pontos a serem problematizados do que "verdades" fechadas.

Importa menos a classificação de Zizo enquanto anarquista ou não, do que a densidade ao discutir o tema. Afinal, essa conclusão, se é que existe, cabe a cada "umbigo".

Referências

- BAKUNIN, Mikhail. *Textos anarquistas*. Trad. Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- BURCH, Noel. *Práxis do Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- COLOMBO, E. et al. *História do movimento operário revolucionário*. Trad. Plínio Augusto Coelho: São Paulo: Imaginário /São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.
- CORRÊA, Felipe. *Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2011.
- FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO. *Anarquismo social e organização*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2008.
- GUÉRIN, Daniel. *O anarquismo: da doutrina a ação*. Trad. Manuel Pedroso. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1968.
- _____. (org.). *Proudhon: textos escolhidos*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.
- JONG, Rudolf de. *A concepção libertária da transformação social revolucionária*. Trad. Beatriz Vianna Boeira. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias; Rio de Janeiro: Federação Anarquista do Rio de Janeiro, 2008.
- KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo*. Móstoles: Ediciones Madre Tierra, 1989.
- PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1998
- VAN DER WALT, Lucien & SCHMIDT, Michel. *Black flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland; Edinburgh: AK Press, 2009
- WALTER, Nicolas. *Sobre o anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, s.d.
- WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas, vol. 1 A idéia*. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002
- _____. *História das idéias e movimentos anarquistas, v. 2 O movimento*. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Em meio eletrônico

ARMAND, Émile. *O pequeno manual do anarquismo individualista*. S.d. Disponível em: <http://libertyzine.blogspot.com.br/2007/07/o-pequeno-manual-do-anarquismo.html>. Acesso em 20/05/2013.

MIGLIORIN, César. Febre do Rato, de Cláudio Assis (Brasil, 2011). *Cinética*, Julho de 2012. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/febredoratocezar.htm>

* * *